



Resenha

Primeira classe: como construir uma escola de qualidade para o século XXI

**World Class: How to build a 21st-century school system,
Strong Performers and Successful Reformers in Education**

[SCHLEICHER, A. **Primeira classe: como construir uma escola de qualidade para o século XXI**. Tradução de Dani Gutfreund e Lenice Bueno. Paris: OECD Publishing; São Paulo: Fundação Santillana, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1787/7475e4e1-pt.>>. Acesso em: 14 ago. 2019.]

Adolfo Antonio Hickmann¹, Gislane Moura Hickmann²

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba-PR, Brasil

Em um contexto no qual as facilidades de acesso à informação, mediadas por tecnologias cada vez mais eficazes, contrastam com a pobreza e o baixo rendimento de alunos em tarefas básicas de leitura, matemática ou ciências, o autor revela que existem possibilidades: o diferencial da humanidade reside na consciência e na responsabilidade perante as oportunidades.

É dessa forma que Andreas Schleicher, criador do *Programme for International Student Assessment* (PISA), posiciona-se em relação à educação do futuro. A obra **Primeira classe: como construir uma escola de qualidade para o século XXI**, lançada, em 2018, pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), foi traduzida para o português e publicada no Brasil, em 2019, pela Fundação Santillana.

Com mais de 20 anos de experiência à frente de trabalhos de pesquisas em educação, na Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), Schleicher nos presenteia com a análise do quadro educacional mundial e apresenta perspectivas para o futuro, prospectado até 2030. A imagem metafórica da bússola de aprendizado da OCDE 2030³ expressa, de forma clara e sintética, as principais ideias da proposta do autor.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná.
ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-4179-6212>
E-mail: hickmannadolfo@gmail.com

² Doutoranda em Educação, Universidade Federal do Paraná.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5960-7478>
E-mail: girlanehickmann@gmail.com

³The OECD Learning Compass 2030. Disponível em: <http://www.oecd.org/education/2030-project/teaching-and-learning/learning/>.

Dentre os muitos elogios de especialistas sobre a obra, destacamos dois. O primeiro é de Howard Gardner, autor de *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences* (GARDNER, 2011), que intitulou a obra de um empreendimento “[...] oportuno e visionário” (GARDNER, apud SCHLEICHER, 2019, p. 2). O segundo é de Michael Fullan, Diretor da Global Leadership, *New Pedagogies for Deep Learning*: “[Schleicher] compreende as questões mais importantes, e o faz encostando o ouvido no chão e descobrindo soluções conjuntamente a uma variedade de líderes de todos os níveis do sistema e em diversas sociedades.” (FULLAN, apud SCHLEICHER, 2019, p. 2).

O livro de Schleicher (2019) apresenta o resultado de pesquisas de campo, coleta e análise de dados estatísticos sobre o panorama educacional mundial. Ele está dividido em seis capítulos repletos de informações e de reflexões educacionais para educadores e formuladores de políticas públicas que estão atentos às mudanças atuais e que se preocupam com a educação do futuro.

No primeiro capítulo – *A educação vista pelos olhos de um cientista* – o autor mostra, baseado nas evidências do PISA 2015, que é possível pensar em possibilidades para o futuro. É possível alcançar a excelência nas escolas mais desfavorecidas.

Sem o direito à educação, as pessoas vão definhar às margens da sociedade, os países não vão se beneficiar de avanços tecnológicos, e esses avanços não vão se traduzir em progresso social.

[...]

O futuro diz respeito a igualar a inteligência artificial de computadores às habilidades socioemocionais e cognitivas e valores dos seres humanos. Será nossa imaginação, nossa consciência e nosso senso de responsabilidade que nos permitirão aproveitar a transformação digital para criar um mundo melhor. (SCHLEICHER, 2019, p. 16).

Schleicher argumenta que as mídias sociais nos classificam por algoritmos que nos reduzem a meros grupos de pessoas que pensam de maneira igual. Ao mesmo tempo, amplificam nossas supostas opiniões e nos limitam em perspectivas divergentes, opiniões polarizadas e conflitantes.

Diferentemente disso, o autor preconiza que as demandas escolares futuras deverão estar voltadas para ajudar os alunos a pensar por si mesmos, a tomar decisões, a ter empatia, a trabalhar em grupo para o bem comum. Será necessário desenvolver um sentido mais profundo de certo ou errado, de percepção das demandas dos outros sobre nós, de limites sobre nossas ações e o quanto elas afetam os outros e a sociedade como um todo.

O sentido da vida ganhará dimensões maiores, em relação ao modo como acolheremos a maneira de viver das pessoas, suas culturas, tradições e costumes. Nosso conhecimento e nossas competências continuarão sendo demandados para que possamos contribuir significativamente com a sociedade. “Temos meios de agir, e é a natureza de nossas respostas sistêmicas e coletivas a essas disrupturas que vão determinar como seremos afetados por elas. (SCHLEICHER, 2019, p. 17).

Ainda no primeiro capítulo, propõe que a Educação não deixe de ser arte, mas que se constitua como ciência. Para isso, contrasta a visão dos

médicos que vão “além das fronteiras”, com a dos educadores que tentam olhar para os estudantes de forma hermética, tendendo a ensinar a todos de uma mesma maneira. Mostra sumariamente as origens e a trajetória do PISA, suas nuances, superações, choques e avanços decorrentes das pesquisas. Propõe ainda que preparemos os estudantes para o futuro deles, com aprendizagem constante, prática reflexiva, capacidade de antecipação e mobilização de habilidades cognitivas e pensamento crítico. Por isso, é preciso olhar para as experiências e resultados positivos de outros países.

No segundo capítulo – *Derrubando alguns mitos* – são pontuadas algumas das muitas falsas concepções que impedem melhorias na educação. O primeiro mito é a relação da pobreza e o mau desempenho. O desempenho dos estudantes de classes menos favorecidas não necessariamente está ligado unicamente ao *background* social: existem evidências de que as diferenças estão na capacidade de administrar a desigualdade social, além de características próprias dos estudantes.

Há ainda o mito de que a imigração rebaixa os índices escolares. Os dados mostraram que não há relação dos índices com esses fatores. O que é mais evidente é que o impacto maior sobre o desempenho dos imigrantes está no local onde eles se estabelecem. Além disso, os dados referentes a imigrantes chineses na Austrália demonstraram que os benefícios escolares são maiores à medida que há maior histórico social e consequente aderência positiva pelos pares do país que acolhe.

Outro mito derrubado é quanto ao tempo: mais tempo investido em ensino nem sempre quer dizer melhores resultados. O indicativo é que o fator de maior impacto é a efetiva qualidade do ensino. Um resultado semelhante está para a questão do talento herdado, versus o esforço por melhor desempenho. Com apoio e ferramentas de ensino mais eficazes, muito mais estudantes podem ser favorecidos. As diferenças de desempenho escolar tampouco podem ser determinadas pelas culturas: é muito mais eficaz mudar práticas e políticas educacionais planejadas. Por último, quanto à seleção por habilidades, a resposta está na equidade e na inclusão dos estudantes.

O terceiro capítulo – *O que torna os sistemas educacionais de alto desempenho diferentes?* – chama a atenção, inicialmente, sobre o perigo de políticas educacionais serem simplesmente embasadas em dados das pesquisas, sem considerar os aspectos qualitativos e as peculiaridades do país. Para Schleicher, “[...] os dados não são a mesma coisa que um conjunto de fatos esparsos.” (2019, p. 67). Considera importante acreditar que todos os alunos podem aprender e alcançar os níveis mais altos de aprendizagem.

O capítulo dedica-se a trabalhar pontos especialmente focados nos professores, como: atrair e manter professores qualificados; considerar que os profissionais são independentes e responsáveis; aproveitar o tempo dos professores; alinhar expectativas de professores, pais e estudantes; desenvolver lideranças educacionais e a autonomia escolar; ter uma mensagem articulada e consistente e investir bem na educação. Ao final, reforça, com exemplos, que o que faz os países de alto desempenho diferentes não é a cultura, a localização ou a riqueza, mas sim a consciência que eles têm de seu desempenho e das desigualdades e a consequente capacidade de mobilização de recursos e de inovação para melhorar.

O quarto capítulo – *Por que a equidade em educação é tão inatingível?* – apresenta análises e exemplos de como alcançar a equidade para a

educação. Para Schleicher, a utilização responsável dos recursos e o aumento de conhecimento e competências promovem o crescimento econômico e a coesão social. Cita exemplos de pesquisas que evidenciam o impacto do investimento em competências básicas, e na educação equitativa (pobres e ricos), no PIB das nações, a médio e longo prazo. É preciso atacar as bases do problema: “A maior fonte da desigualdade em salários é a desigualdade em habilidades.” (SCHLEICHER, 2019, p. 159).

Segundo o autor, é importante que seja proporcionada uma educação básica de qualidade para TODOS. Um processo educativo inclusivo, equilibrado e focado nas competências básicas pode potencializar e garantir o compartilhamento de benefícios do desenvolvimento econômico de forma mais equilibrada entre os cidadãos. Esse é um modo eficaz de aprimorar as reservas de potenciais talentos das nações. Segundo as pesquisas, para ter efeitos significativos, essas oportunidades devem ocorrer nos primeiros anos da educação formal.

As políticas públicas tendem a ser benéficas nessa construção quando não estão focadas em interesses pessoais e em distorções que acabam prejudicando os estudantes. Os recursos precisam ser direcionados conforme as necessidades do contexto, com a parceria da comunidade, dos pais, dos estudantes e dos professores. Vários países têm dado exemplo de uma administração equitativa e responsável dos recursos. O próprio Brasil, no Ceará, foi citado como exemplo de educação cidadã responsável e solidária. Compartilhar *ethos*, estilo de gestão e metodologia de escolas mais bem-sucedidas com as escolas mais necessitadas é uma forma eficaz e colaborativa de virar o jogo, contribuir com a diversidade e gerar autonomia.

O quinto capítulo – *Fazer a reforma educacional acontecer* – indica possibilidades para que a reforma educacional aconteça. Para isso, trabalha tópicos importantes como: os requisitos para uma reforma bem-sucedida; diferentes formas de abordagem; o estabelecimento da direção; a construção do consenso; o envolvimento dos professores na concepção da reforma; projetos-piloto e avaliação contínua; o desenvolvimento de capacidades no sistema; a questão do *timing* e o engajamento dos professores na solução.

Por último, o sexto capítulo – *O que fazer agora* – presenteia o leitor com propostas para a atuação de agora, com vistas ao futuro. Dessa forma, o autor sugere os seguintes tópicos: Educar para um mundo incerto; educação como o principal diferencial; desenvolvimento do conhecimento; habilidades e caráter em uma era de acelerações; valores humanos no contexto escolar; mutação de sistemas educacionais bem-sucedidos; aprendizes e professores diferentes; inovação dentro e fora da escola; cultivo e papel das lideranças no sistema; redesenho da avaliação; atitude de olhar para fora, enquanto caminhamos para frente.

Nessa esteira, diante de um cenário incerto, repleto de novas formas de relacionamento, permeadas pelo mundo digital, o diferencial estará na maneira como reagiremos diante das situações. A nossa resposta humana, conjugada com as situações culturais e sociais e o desenvolvimento sustentável, dependerão, em grande medida, do que os professores e estudantes estão discutindo e fazendo hoje nas salas de aula, a partir da construção do *capital de ponte [bridging]*: compartilhar experiências, trabalhar com a diversidade e com interesses comuns.

“Temos autonomia, a capacidade de antecipar e o poder de estruturar nossas ações com propósito.” (SCHELEICHER, 2019, p. 308). Essa frase resume muitos exemplos de países que evidenciaram os ganhos educacionais de seus estudantes pelo esforço contínuo, pelo comprometimento autêntico com o futuro das pessoas, baseado em relações saudáveis, em valores humanos sustentáveis e em um olhar que ultrapassa os muros da escola, do governo, do país e do preconceito.

O autor conclui a obra realçando que, para que isso aconteça também será necessário que desenvolvamos a resiliência, fortaleçamos nossas habilidades cognitivas, nossas emoções, nossa capacidade social e a adaptabilidade às novas demandas. Nesse contexto, os professores têm o grande desafio de desenvolver novas habilidades educacionais e de fomentar relações saudáveis dos estudantes de hoje diante das tecnologias emergentes, protegendo-os dos perigos existentes e ensinando-os a desenvolver responsabilidade tecnológica e solidária.

A obra cumpre seu propósito de bússola para a Educação de 2030. Pela trajetória de Schleicher na OCDE, fica clara a sua competência e o respaldo para tratar do tema em pauta. Do ponto de vista da Bioecologia do Desenvolvimento Humano, acrescentamos que, em todos os casos, é importante considerar os aspectos referentes ao processo, à pessoa, ao contexto e ao tempo (PPCT), conforme nos ensina Bronfenbrenner (2011). A partir desse olhar, podemos perceber que esses elementos vão sendo considerados na obra de Schleicher, ressaltando-se ainda as diferenças culturais e contextuais em que o desenvolvimento humano acontece.

Diante disso, é preciso considerar que uma fórmula fixa como proposta educacional, tal como se apresenta na Bússola acima mencionada, precisa ser considerada como modelo, porém não como paradigma educacional. Propostas como essa podem ser consideradas a partir de pesquisas científicas que consideram o desenvolvimento humano de jovens de maneira saudável (LERNER et al., 2015) ou sob o ponto de vista da forma como as relações interpessoais dos escolares e seus valores humanos se estabelecem (HICKMANN, 2019), no contexto ecológico em que elas se inserem (KOLLER; PALUDO; MORAIS, 2016).

Além disso, apesar de muito bem fundamentada e estruturada a partir da experiência do autor na OCDE, acreditamos que é interessante olhar essas propostas a partir da perspectiva de autores que têm se dedicado à área da qualidade da avaliação educacional, em especial no Brasil. Para isso, apresentamos as referências da leitura de Rothen e Santana (2018) e de Borges e Rothen (2019). Como não cabe aqui uma outra resenha, brevemente apresentamos alguns achados para discussões.

Em Rothen e Santana (2018), é abordada a questão do ranqueamento e da qualidade da avaliação, entre outros temas. Segundo os autores, é importante questionar a construção e a forma de fazer as avaliações da mesma forma que explicam a validade dos indicadores para o direcionamento da educação (p. 9). Em suma, a obra propõe que a qualidade da educação passa por inúmeros parâmetros que precisam ser analisados e trabalhados com cautela.

Em Borges e Rothen (2019) encontramos interessante estudo teórico sobre as diferentes abordagens que marcaram o processo de avaliação educacional no âmbito internacional. Essas abordagens exerceram forte

influência nos pesquisadores da área e na própria execução de políticas públicas sobre o tema. Ao final, os autores destacam o advento da avaliação emancipatória como resposta às necessidades atuais. Este segundo documento nos ajuda a perceber as análises de Schleicher de maneira mais ampla, com contrastes interessantes entre as diferentes abordagens.

À luz de autores relacionados ao desenvolvimento humano e à qualidade da educação, como os citados nesta resenha, podemos inferir que a proposta interessante de Schleicher seja analisada a partir de determinados critérios já estabelecidos pelos pesquisadores das áreas em questão. De antemão, parece-nos sempre relevante considerar os seres humanos em desenvolvimento a partir de suas peculiaridades e particularidades, nas suas relações bidirecionais e contextuais. Essa é uma questão a ser pensada por políticas públicas que realmente se preocupem com pessoas.

Referências

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BORGES, R. M.; ROTHEN, J. C. Abordagens de avaliação educacional: a constituição do campo teórico no cenário internacional. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 13, n. 2, p. 749-768, maio/ago. 2019.

HICKMANN, A. A. **Relações interpessoais e valores humanos na escola**: uma inserção ecológica. 2019. 236f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2019.

KOLLER, S. H.; PALUDO, S. S.; MORAIS, N. A. **Inserção ecológica**: um método de estudo do desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

LERNER, R. M. et al. Positive youth development and relational developmental systems. In: OVERTON, W. F.; MOLENAAR, P. C. (Eds.). **Handbook of child psychology and developmental science**. 7. ed. Hoboken, NJ: Wiley, 2015. p. 607–651. v. 1, Theory and method.

ROTHEN, J. C.; SANTANA, A. da C. M. **Avaliação da educação**: referências para uma primeira conversa. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

SCHLEICHER, A. **Primeira classe**: como construir uma escola de qualidade para o século XXI. Tradução de Dani Gutfreund e Lenice Bueno. Paris: OECD Publishing; São Paulo: Fundação Santillana, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1787/7475e4e1-pt.>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

Palavras-chave: Bússola da aprendizagem 2030, Habilidades, Competências, Valores humanos.

Keywords: Learning Compass 2030, Skills, Competencies, Human values.

Palabras claves: Brújula del aprendizaje 2030, Habilidades, Capacidades, Valores humanos.

Enviado em: 03/setembro/2019 | Aprovado em: 09/março/2020